

VIVI ALGUNS momentos de proximidade com o poder. O primeiro deles foi um comício de Jânio Quadros em Lages, minha terra natal, em sua campanha à Presidência.

Não me recorde de nada —mas lembro que ganhei um disco de cartolina grossa acetinada, com a fotografia colorida do candidato brilhando nas ranhuras.

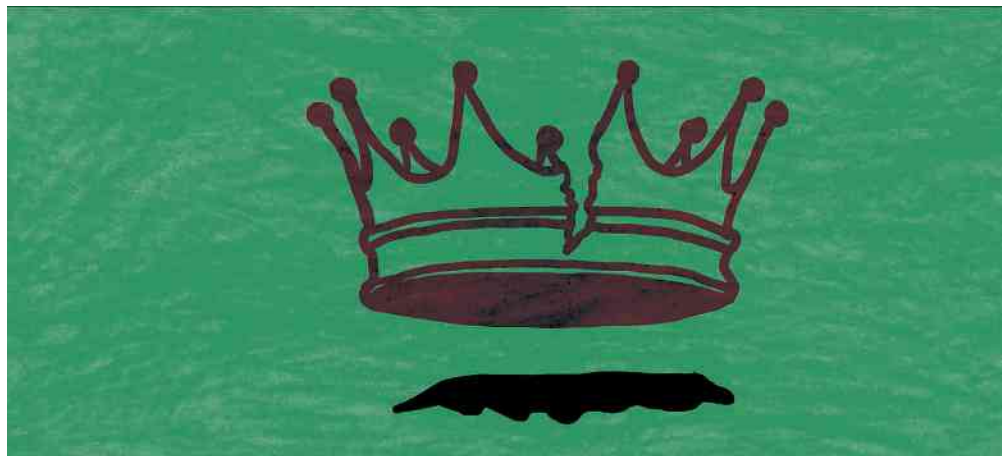
Eu espetava aquilo na eletrola Philips, recém-adquirida (eram os anos JK de ascensão da classe média), e ouvia maravilhado a marcha da vassoura louvando o futuro presidente. O leitor há de convir que, aos seis anos, eu era inímitável, mas o fascínio foi legítimo.

Como em penitência, nunca mais frequentei comícios, primeiro por soberba juvenil, mais tarde por preguiça, o que me garantiu uma boa distância do poder. Mas no final dos anos 1970, numa manhã fria, atravessando a praça Santos Andrade, em Curitiba, no caminho do meu curso de letras, percebi à frente do hotel Mabú uma movimentação de dois ou três carros negros na rua vazia, e uma distribuição geométrica de seguranças.

Na calçada em frente, parei para ver, intrigado. Súbito, surgiu da porta do hotel a figura rígida e solitária do general Ernesto Geisel, de terno e óculos escuros contra a luz da manhã. Estava a dez metros de mim, talvez menos. A cena durou uns seis ou sete segundos: ele desceu vertical as escadas, em meia dúzia de passos, e entrou num carro, onde desapareceu.

## A proximidade do poder

CRISTOVÃO TEZZA



Vânia Medeiros

Contemplei a imagem como alguém diante de um fotograma raro de Costa-Gavras. Um segurança fixou os olhos em mim, e segui a receita clássica: me afastei não tão rápido que parecesse covardia nem tão lento que sugerisse provocação.

Depois daquele momento crucial, permaneci mais de 40 anos longe do poder, e só voltei a chegar perto, por acaso, de um ex-presidente e de um vice que se tornaria presidente. Em 2008, encontrei Fernando Henrique Cardoso na cerimônia de entrega de um prêmio a destaques do ano promovido pelo jornal “O Globo”.

**Nem Nostradamus seria capaz de cravar o nome do próximo presidente; tentarei manter minha distância segura**

Eu estava lá por um livro que escrevi; ele representava sua mulher, a antropóloga Ruth Cardoso, falecida havia poucos meses.

Conversamos por dois minutos e ele foi muito gentil. Não senti desconforto: afinal, até hoje considero a criação do Plano Real e sua implementação a única verdadeira mudança estrutural do país que

cheguei a viver, mas talvez só partilhe dessa opinião quem tenha arastado a existência adulta ao longo dos intermináveis governos Figueiredo, Sarney e Collor.

Uma pena que, com a tramitação sombria da emenda da reeleição, o Brasil tenha voltado à sua tabularasa política e preparado o terreno para o rolo compressor que viria nos governos seguintes.

Nunca vi Lula ou Dilma pessoalmente. Já me disseram que quem conversa dez minutos com Lula converte-se imediatamente ao Partido dos Trabalhadores, como Paulo na

estrada de Damasco. Não tive essa oportunidade e até hoje prossigo pagão. Quanto à Dilma, uma testemunha ocular me confessou que sua presidência tinha uma carga de electricidade tão intensa que chegava a ser letal; acrescentou que o impeachment teria sido mais um fenômeno irresistível da física, como a gravitação universal, do que uma consequência de inabilidade política, teoria que então eu professava.

Mas quis o destino que eu chegasse perto de Temer, ainda vice-presidente —mas precisamente a uma distância de cerca de 20 metros, de onde, distraído, cheguei a fotografá-lo. Participante da comitiva dos escritores que compareceram à Feira do Livro de Frankfurt em 2013, em que o Brasil era o país homenageado, circulei pelo auditório dos discursos de praxe com uma máquina fotográfica à mão, minha defesa psicológica em terra estranha.

Temer, representando o país, subiu ao palco e contou à plateia de 2.000 editores, livreiros, agentes literários e escritores do mundo inteiro que, sim, ele publicara um livro de poesias, mas que a crítica não havia falado bem da obra. Em seguida, com um sorriso maroto, ergueu o dedo e arrematou: “Também não falaram mal!”. Discursava com a vivacidade audaz e sagaz de um bom vereador.

Hoje, nem Nostradamus seria capaz de cravar o nome do próximo presidente da República. Caipira escolado, vou tentar manter minha distância segura de sempre, seja lá quem for o eleito.

COLUMNISTAS DA SEMANA: segunda: Luiz Felipe Pondé, terça: João Pereira Coutinho, quarta: Marcelo Coelho, quinta: Contardo Calligaris, sexta: Vladimir Safatle, sábado: Drauzio Varella

# Berna Reale cria feminismo rosa-choque

Artista traduz trauma de agressão que sofreu em novos filmes e fotografias em que encarna toureira e boxeadora

**Performer representou o Brasil na Bienal de Veneza há dois anos e agora ocupa o subsolo do CCBB em nova mostra**

SILAS MARTÍ  
DE SÃO PAULO

Rosa nunca foi tão choque. Essa é a cor das luvas de boxe e de uma capa de toureiro que Berna Reale usa em novas fotografias e vídeos, obras que pensou como manifestos feministas ao mesmo tempo pop e contundentes.

Não é a primeira vez que o tom associado a meninas e mulheres, um “símbolo que remete à fragilidade”, nas palavras da artista, aparece em seu trabalho. Há três anos, colegiais de saia cor-de-rosa e aparelhos na boca que as faziam parecer bonecas infláveis marchavam pelas ruas de Belém num de seus filmes.

Mas tudo ficou mais brutal depois que a artista, que atua também como perita criminal



Cena de ‘Frio’, novo filme de Berna Reale

na capital do Pará, sentiu na pele a violência. Ela conta que foi agredida por um superior —homem— no trabalho e desde então vem pensando em como traduzir o trauma numa série de novas performances. Reale, uma das represen-

tantes do país na Bienal de Veneza de dois anos atrás, famosa por ações viscerais como quando foi carregada nua feita um pedaço de carne pelas ruas de sua cidade ou quando serviu sobre o corpo um banquete de vísceras a uma

revoada de urubus, agora baixa o tom numa série de fotografias e filmes mais controlados, sem o calor das ruas.

Num dos vídeos da mostra que acaba de abrir no Centro Cultural Banco do Brasil, ela aparece enxugando blocos de

gelo empilhados em montes ao seu redor. Veste uma roupa toda transparente e um abafador de som cor-de-rosa.

“É uma alusão ao trabalho em vão, incansável, inútil”, diz a artista. “Essa não é uma mulher, é uma coisa meio an-

drógina, porque não é só a mulher, é o gênero feminino, de todos que assumem a feminilidade, que é vítima.”

Noutro filme, ela agita uma capa rosa à espera de um touro ausente enquanto homens num curtume salgam a pele bruta dos bichos. “Eles preparam o couro enquanto ela toureira no vazio”, diz Reale. “A questão é quem abate e quem é o abatido.”

Mais agressiva, a artista tenta não ser a vítima nas fotografias que mostra junto aos vídeos no subsolo do CCBB. Reale ali veste um cinto de castidade e tem os punhos em riste, envoltos em luvas de pelúcia rosa-choque.

“Tem sempre essa cor”, diz a artista. “Gosto de ser simples, atingir rápido o espectador, para que não fique uma coisa intelectualizada.”

### BERNA REALE

QUANDO de qua. a seg., das 9h às 21h; até 28/8

ONDE CCBB, r. Álvares Penteado, 112, tel. (11) 3113-3651

QUANTO grátis

# FÉRIAS NA KIDZANIA



A CIDADE FEITA PARA CRIANÇAS

EXPLORE MAIS DE 50 ATIVIDADES  
INGRESSOS ONLINE - KIDZANIA.COM.BR

SHOPPING ELDORADO